



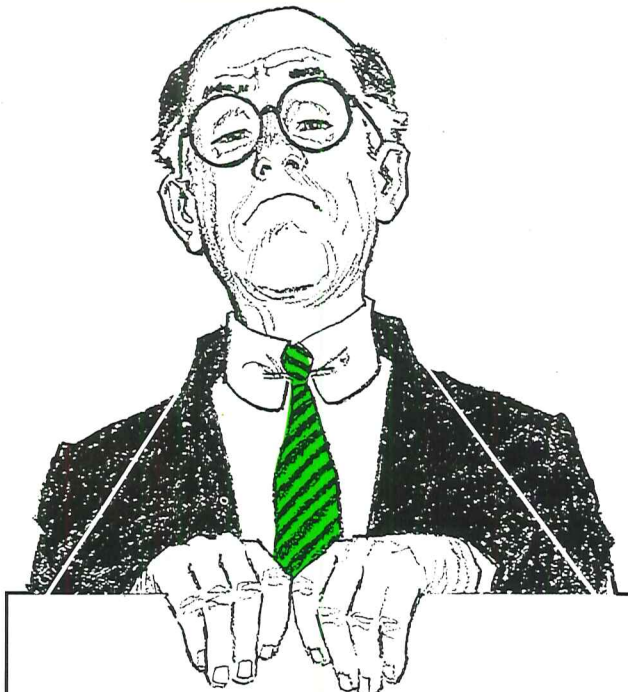
O ARAUTO da SANTIDADE

OUTUBRO, 1987

European Nazarene
Bible College
Library



—JERALD D. JOHNSON
Superintendente Geral



QUERO SENTIR-ME IMPORTANTE

O conferencista estava a chegar ao ponto principal.

Aquela sessão tinha-se tornado uma das mais excitantes sobre assuntos de administração. Ele continuava a falar acerca de empregados em diferentes posições numa sociedade corporativa. "Mas todos eles", declarou, "levam ao pescoço um

letrero invisível com estas palavras bem salientes: "Eu quero ser importante".

Desde então, quantas vezes tenho pensado nisso! Os psicólogos vêm falando das necessidades básicas do povo. Mas são os ministros que se encontram na capacidade singular de ajudar a satisfazer essas necessidades.

Parece existir certa relação entre tais necessidades—neste caso, a fundamental de alguém se sentir importante—e a possibilidade dum ministério especial nas áreas urbanas dos países onde se encontra a nossa igreja. Isto dá-se particularmente em lugares onde as necessidades urbanas igualam as étnicas.

Eu vivi durante onze anos num país estrangeiro. Com o tempo, a minha família e eu sentimo-nos totalmente aceites ao ponto de a Alemanha se tornar "o nosso país de adopção". Não obstante, nos primeiros meses de reajustamento (e certamente durante um período de choque cultural) sentimos imenso as diferenças entre *nós* e *eles*. Embora a nossa pele fosse da mesma cor, as diferenças eram evidentes. Não gostávamos que os nossos filhos fossem chamados "pequenos amis" (abreviatura de americanos). Éramos, em certo sentido, uma minoria étnica.

Não estou certo se a comparação é absolutamente válida; mas, pelo menos, é uma tentativa de me identificar com o sentimento das minorias étnicas num país estrangeiro. Recordo de como a minha sensibilidade subconsciente veio à tona e de desejo veemente de ser totalmente aceite pela sociedade

onde vivíamos. Para ser realmente honesto, penso que estava a dizer: "Quero sentir-me importante". E isto não somente na minha pátria, mas também com os novos vizinhos e com toda a gente.

Se nós pudéssemos retirar dos olhos, de alguma maneira, as escamas de preconceitos e fôssemos

capazes de penetrar além da cor da pele, da forma estranha de falar e do estilo diferente de vida, escutaríamos este clamor do povo que Deus criou: "Repare, estou aqui. Não me ignore. Eu preciso de você e do evangelho que prega. EU QUERO SENTIR-ME IMPORTANTE". Estaríamos provavelmente a abrir um novo e ilimitado potencial para o ministério e missão da nossa igreja.

Os políticos usam tanta retórica respeitante à necessidade de renovação urbana que o assunto continua em voga. E deve ser assim. Os bairros precisam de ser limpos; as áreas em ruína, restauradas; a qualidade de vida, melhorada. Mas ainda existe uma dimensão entre todas que não pode ser satisfeita com aumento de taxas, incentivos de empresas ou esforços legislativos. A necessidade básica das áreas urbanas é espiritual, a mesma das zonas rurais e dos subúrbios. É por causa dela que nós vamos. Não só podemos mas devemos satisfazer essa necessidade.

Se houvesse forma de vermos o letrero invisível no pescoço das multidões e compreendermos o que querem de nós, experimentaríamos uma nova e dinâmica missão doméstica e de extensão da igreja, sem paralelo desde o princípio, a impulsionar a nossa denominação. Elas não só se desejam sentir importantes para reconhecermos a sua presença, mas também para desafiar os nossos recursos e energias em alcançá-las com o evangelho, experiência cristã, auxílio financeiro e talentos que o Senhor nos confiou. Peço a Deus que ajude os nazarenos a promoverem este desafio. □

DÍZIMO: UMA ORDEM DIVINA

—HUGH C. BENNER

O dinheiro, ou o seu equivalente, tem figurado sempre nos pactos entre Deus e o homem. Assim, o relacionamento do cristão com o dinheiro é uma causa vital que não pode ser ignorada ou evitada quando ele deseja manter uma relação satisfatória com o Senhor. Como em cada fase da vida espiritual, Deus revelou a Sua vontade quanto a este assunto que se resume biblicamente a "dízimos e ofertas".

Há quem rejeite o dízimo como coisa legalista, aparentemente sob o pretexto de que a ideia e prática do mesmo se originaram com a lei mosaica. Mas o dízimo, como o Dia de Descanso, é mais antigo do que a lei; séculos antes de Moisés já Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, "sacerdote do Deus altíssimo" (Gênesis 14:18). Também Jacó, depois da visão de Deus em Betel, declarou no seu voto: "De tudo quanto me deres, certamente te darei o dízimo" (Gênesis 28:22). Até nas civilizações pagãs encontramos reflectido o sentimento de obrigação para com Deus; pois, praticamente, todos os povos da antiguidade, incluindo fenícios, egípcios, caldeus, árabes, gregos e romanos, davam dízimo às suas divindades.

Recordemos que a lei não criou o dever, apenas o definiu; e fundamenta-se numa expressão de relacionamento ou verdade essencial. Deste modo, a inclusão do dízimo na lei de Moisés não o

criou mas, simplesmente, lhe deu expressão concreta no sentido dum dever, o qual tem caracterizado em todas as épocas o povo de Deus. Na realidade, o princípio de dizimar parece inscrito na constituição da experiência e pensamento religioso do homem. Além disso, a evidência da grande importância do dízimo situa-se na declaração das Escrituras em que recusar o dízimo é "roubar a Deus", e que dar o dízimo é condição indispensável para bênção espiritual (Malaquias 3:8-10).

A vinda de Jesus Cristo anunciada na dispensação da graça do Novo Testamento não é considerada lei mas graça, como quando Paulo exortou os coríntios a "abundarem nesta graça" (II Coríntios 8:7). Existem aqueles que não dão o dízimo baseados neste princípio. No entanto, devemos lembrar-nos que Jesus disse: "Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim abrogar, mas cumprir" (Mateus 5:17). Ao tratar deste princípio mais adiante, em Mateus 5, o Mestre esclareceu que o evangelho não pressupõe menos mas mais do que a lei. Por outras palavras, "a graça é igual à lei *mais*".

Portanto, se o dízimo representava a mínima responsabilidade financeira para com Deus sob a lei, certamente a graça não pode significar menos. Se não dar o dízimo no Antigo Testamento era considerado

como roubar a Deus, não pode ser menos sob a graça. E, além disso, se o dízimo constituía uma base para bênção espiritual sob a lei, certamente não o será menos à luz da dispensação cristã. Assim, podemos estar certos que o dízimo tem o apoio total no sentido dum dever da humanidade para com Deus, tal como atestam passagens do Antigo Testamento, ensinamentos de Jesus Cristo e o conceito e prática do Novo Testamento.

O DESAFIO

Trazei todos os dízimos à casa do tesouro (Malaquias 3:10). Foi assim que Deus instruiu o Seu povo e ainda continua o mesmo desafio. A Igreja de Jesus Cristo deve enfrentá-lo. Que está envolvido neste incentivo?

1. O Dízimo Desafia a Nossa Obediência. Dar o dízimo regularmente representa para o cristão uma oportunidade de exercer a sua obediência de forma prática e de demonstrar a sua consagração a Deus. A obediência não é um simples sentimento, exige provas detalhadas.

2. O Dízimo Desafia a Nossa Fé. "Eu darei o dízimo quando puder", é uma desculpa frequente. Mas ninguém se tem tornado dizimista por esperar até "poder". O diabo sempre propõe desculpas para mais demoras. Mas Deus conta que aceitemos este desafio por fé e, quer tenhamos muito ou pouco,

NESTE NÚMERO

demos os nossos dízimos como expressão de confiança na promessa do Senhor: "Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mateus 6:33).

3. O Dízimo Desafia-nos a uma Responsabilidade Contínua. Qualquer coisa que defina e imponha responsabilidade é inestimável para o cristão. O dízimo é uma delas. "Ora, quanto à colecta..." disse Paulo, "No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade" (I Coríntios 16:1-2). "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro" (Malaquias 3:10). Eis uma responsabilidade definida.

4. O Dízimo Desafia-nos a Uma Perspectiva Espiritual. A mordomia cristã é essencialmente uma experiência pessoal, um relacionamento individual com Jesus Cristo. No entanto, envolve "coisas", e a prova da mordomia fiel situa-se, sobretudo, na nossa atitude, como mordomos, respeitante às coisas confiadas. O dízimo desafia-nos a considerar o dinheiro à luz dos valores espirituais. Quanta efusão das bênçãos de Deus desejamos? Só o dízimo nos proporcionará essas bênçãos; mas, sem ele, *não desfrutaremos* delas.

"Dízimo: Um Desafio Divino." Trata-se de algo que não é opcional. Antes, o de ordem de Deus para uma vida cristã efectiva e de serviço. É um plano financeiro de Deus. O dízimo—"trazei os dízimos à casa do tesouro"—é bíblico, lógico, simples, justo, automático, independente e próspero. Demos os dízimos como expressão da nossa obediência, fé, aceitação de responsabilidade e desejo sincero de bênção espiritual. *Ofertemos* como testemunho do nosso grande amor a Jesus Cristo. □

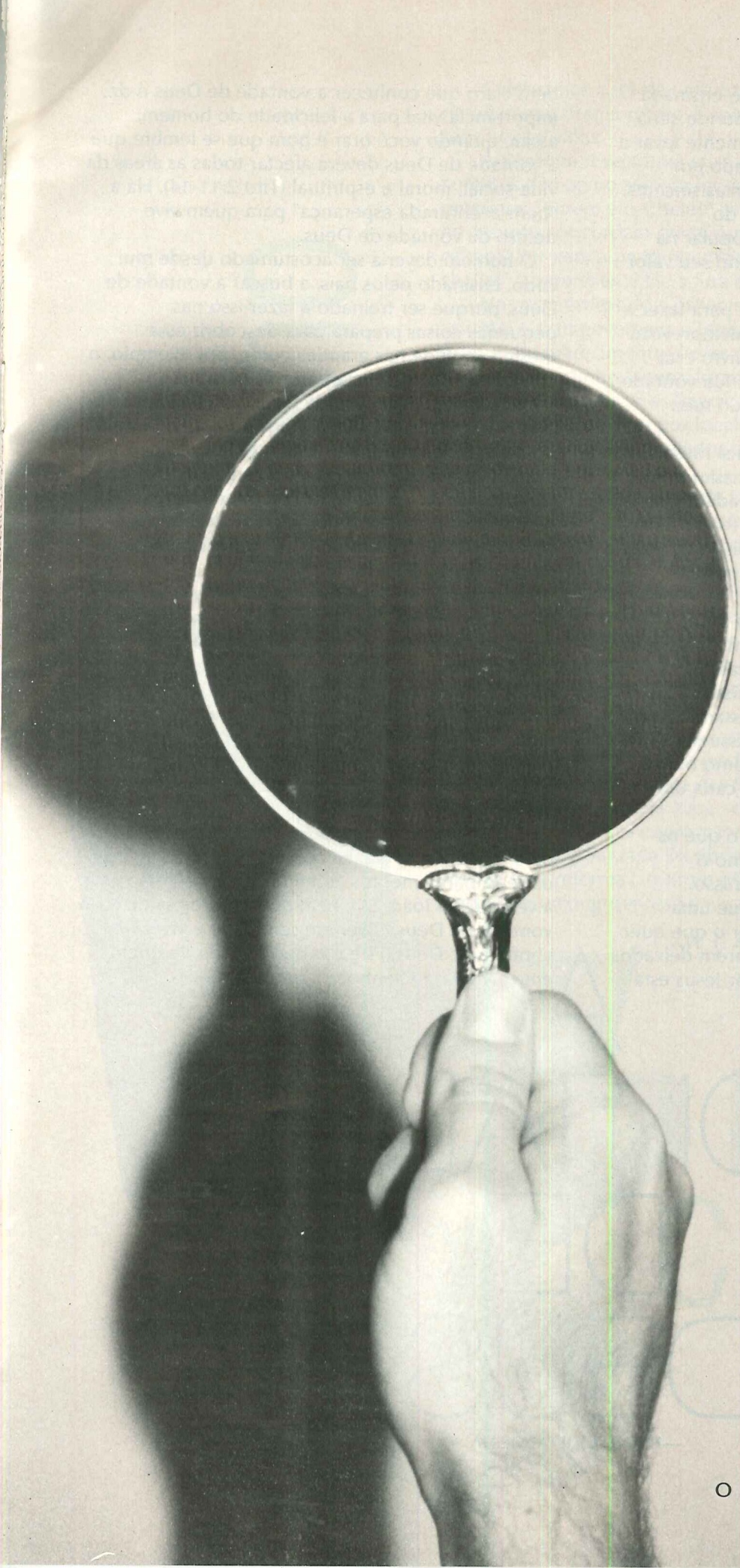
QUERO SENTIR-ME IMPORTANTE	2
<i>Jerald D. Johnson</i>	
DÍZIMO: UMA ORDEM DIVINA.....	3
<i>Hugh C. Benner</i>	
SOMOS DO SENHOR	5
A VONTADE DE DEUS.....	6
<i>Eudo T. de Almeida</i>	
QUEM É CHEFE?	7
<i>W. E. McCumber</i>	
EU SOU A IGREJA	8
<i>Jim Spruce</i>	
ENCONTRO REDENTOR	9
<i>Acácio Pereira</i>	
LUTERO—HOJE E AQUI.....	10
<i>Aldo Comba</i>	
A DIETA DE WORMS.....	12
<i>Estandarte Cristão</i>	
HABACUQUE—UMA SOMBRA GIGANTE.....	13
<i>Kent Broiwer</i>	
HOMENS QUE TRANSFORMARAM O MUNDO	14
<i>Russel de Long</i>	
RELIGIÃO GENUÍNA	16
<i>Oswaldo Borghi</i>	
NAS MÃOS DE DEUS	17
<i>Michael Gough</i>	
A OEDIÊNCIA CUSTA MAS RECOMPENSA.....	18
<i>Lela Jackson</i>	
COMO ENFRENTAR CRISES?	19
<i>Juan R. Vazquez Pla</i>	
QUE PROFISSÃO ESCOLHER? (Mundo Jovem)	21
<i>Ernesto J. M. Warnes</i>	
LOUCOS POR CAUSA DE CRISTO.....	22
<i>José Carlos Viana</i>	
PÁGINA DEVOCIONAL.....	23
REFORMAI OS VOSSOS CAMINHOS	23
O SACERDÓCIO REAL	24
<i>Flávio Campos</i>	
VITÓRIA GARANTIDA.....	25
<i>C. B. Jernigan</i>	
PERGUNTAS E RESPOSTAS	27

BENNETT DUDNEY, Director Geral
MANUELA C. DE BARROS, Directora Editorial
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, é publicado mensalmente por Publicações Internacionais e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, E.U.A. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, E.U.A. Direitos reservados (1987) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-310, is published monthly by Publications International, printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Copyright (1987) by Nazarene Publishing House. Postmaster: Please send Change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, U.S.A.



SOMOS DO SENHOR

Martinho Lutero viajava muitas vezes a pé. Certa ocasião pediu alojamento a uns camponeses que viviam numa casa rústica. Sem saber quem era, receberam-no bem e o trataram o melhor que puderam.

Ao descobrirem depois a sua identidade, recusaram cobrar qualquer pagamento; mas pediram-lhe encarecidamente que se lembrasse deles em suas orações e que escrevesse alguma inscrição na parede, a tinta vermelha, como recordação.

Lutero anuiu ao pedido e escreveu: *Domini Sumus*. O camponês perguntou o que significavam aquelas palavras. O Reformador explicou que em latim correcto podiam ter sentido duplo, segundo o contexto da frase.

"Significavam", disse ele, "somos do Senhor"; mas podem também significar "somos senhores", o que é precisamente o oposto, *aplicando-as em sentido contrário*.

Mas, com grande acerto, ele procurou explicar os dois significados, dizendo:

—"Somos do Senhor", porque Ele nos comprou com Seu sangue; mas isto mesmo faz que sejamos livres por Sua graça e não mais escravos de Satanás, nem de homem algum, mas *senhores*, verdadeiramente livres para não servir mais ao pecado".

Bom lema! Escrevamo-lo nas paredes do nosso coração. □

É parte importante da oração modelo ensinada por Jesus: *seja feita a Tua vontade*. O mundo seria bem diferente se todos pudessem realmente levar a sério esta cláusula do Pai Nosso. Recitado por séculos religiosamente e por muitas almas sinceras, usado actualmente mais como um elo do ecumenismo, o Pai Nosso tornou-se popular na mesma medida em que perdeu muito do seu valor espiritual.

Orar "seja feita a Tua vontade" e sair para fazer a própria vontade é realmente fugir do alvo previsto por Jesus: "Eis aqui venho; no rolo do livro está escrito de mim: Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Deus meu; sim a Tua lei está dentro do meu coração (Salmo 40:7-8).

É evidente que o homem entregue a si mesmo gosta de fazer a própria vontade e foi assim que Isaías o viu séculos antes de Cristo: "Cada um se desviava para o seu próprio caminho" (Isaías 53). A conduta não mudou com o tempo, pois Jesus viu a multidão "como ovelhas que não têm pastor" (Mateus 9:36).

Certa senhora deputada na comitiva dum Presidente foi chamada aparte e informada de que o protocolo não lhe permitia usar calças. Ela discutiu e atribuiu tal atitude ao "marxismo"! Queria fazer a sua própria vontade passando por cima de normas estabelecidas. O rei Assuero, muito astuto, deu uma festa e estabeleceu como norma "que fizessem conforme à vontade de cada um" (Ester 1:8).

A liberdade de fazer o que quiser é o que os homens sem Deus desejam. Festas como o Carnaval, oferecem oportunidade para isso.

No livro de Provérbios 22:6 lemos que uma criança entregue a si mesma para fazer o que quer acabará por criar hábitos difíceis de serem deixados na vida adulta. Na oração ensinada por Jesus está

bem claro que conhecer a vontade de Deus é de importância vital para a felicidade do homem; assim, quando você orar é bom que se lembre que a vontade de Deus deverá afectar todas as áreas da vida social, moral e espiritual (Tito 2:11-14). Há a "bem-aventurada esperança" para quem vive dentro da vontade de Deus.

O homem deveria ser acostumado desde muito cedo, ensinado pelos pais, a buscar a vontade de Deus, porque ser treinado a fazer isso nas pequenas coisas prepara para descobrir essa mesma vontade nas grandes como, por exemplo, o casamento ou o planejamento familiar.

Finalmente, a vontade de Deus buscada com sinceridade lança-nos impreterivelmente na esfera do amor e da santidade: "Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (I Tessalonicenses 4:3); "Purificando as vossas almas na obediência à verdade para o amor fraternal, não fingido; amai-vos ardentemente uns aos outros com um coração puro" (I Pedro 1:22).

Jesus disse: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo" (João 7:17).

Assim, meu irmão, quando orar e fizer uso do modelo dado por Jesus, lembre-se de que é a vontade de Deus a pureza física e mental, condição indispensável para uma vida de harmonia com sua pessoa, seu próximo e seu Deus: "Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14).

Não adiantam divagações sobre ensinados errados, pois "aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade" (I João 2:4); bem que se poderia dizer: A vontade de Deus. Viver em santidade é viver na vontade de Deus. Este é o tipo de vida de quem ama a vinda do Senhor (II Timóteo 4:8). □

A VONTADE DE DEUS

—EUDO T. DE ALMEIDA

QUEM

Celebramos a 31 de Outubro, dia da Reforma, aqueles que desafiaram a tirania religiosa com o risco—e, por vezes, à custa—de seus bens e vidas.

A Reforma revela uma crise de autoridade. A maioria dos conflitos dão-se no seio da Igreja. Na base da questão estava uma pergunta: "Quem é o Chefe?" Em certo sentido, todos os envolvidos no assunto concordam que Cristo governa a Igreja. Ele é a Sua cabeça. Por isso, a pergunta mais precisa seria: "Como está Cristo na chefia?" Como exerce Ele a Sua autoridade?

Nos primórdios do Cristianismo não havia contendas sobre este assunto. Cristo governava a Igreja por intermédio dos Seus apóstolos. Com o desaparecimento destes, a questão tornou-se mais aguda. No tempo de Martinho Lutero, foram dadas à pergunta anterior duas respostas conflituosas: as Sagradas Escrituras e a hierarquia da Igreja. A tradição católica optou por localizar a autoridade da Igreja no papa, tido como o sucessor de Pedro para o bispado de Roma e vigário de Cristo na terra.

Os Reformadores negaram tal posição. A Igreja, incluindo o papado, não podia exercer legalmente a autoridade *sobre* nem mesmo *com* as Sagradas Escrituras. A Igreja, suas funções, doutrinas e práticas estavam *sob* as Sagradas Escrituras. Estas eram o depósito da fé e testemunho apostólicos. Cristo falava à Igreja através da Bíblia.

Certamente, as Sagradas Escrituras tinham de ser interpretadas, atribuição do ministério docente da Igreja. Mas conferir infalibilidade às decisões desse magistério era colocar a palavra de Cristo sob o juízo humano. As palavras dos homens é que devem ser postas sob o juízo de Cristo.

Por isso, entrou-se numa luta feroz e sangrenta. Para os defensores da Reforma, a resposta era firme. Cristo exerce a Sua autoridade suprema através das Sagradas Escrituras. A Palavra de Deus é livre, mas a Igreja acha-se ligada a Cristo como seu Senhor e às Sagradas Escrituras como o instrumento do Seu domínio.

Infalível é a Sagrada Escritura, não a Igreja. Isto mantém as portas abertas para reformas, sempre que as doutrinas e as práticas se mostrarem incongruentes com a Bíblia, a Palavra de Deus. □

—W. E. McCUMBER

É O CHEFE?



Eu sou a igreja—quando as pessoas do mundo me vêm pensam em Deus, religião, Bíblia, pecadores e santos, certo e errado, céu e inferno.

Eu sou a igreja—e, para muitos, não passo dum edifício com campanário e cruz, janelas de vitrais e tecto abobadado.

Eu sou a igreja—e recordo a alguns certas mensagens, cânticos e ambiente do passado.

Eu sou a igreja—e o meu altar nasceu entre a opressão dos séculos. O pobre, o faminto, o poderoso e o célebre—todos têm apresentado suas necessidades no meu lugar de oração. Armazeno os pecados, as tristezas, os sonhos e os desânimos da humanidade.

Eu sou a igreja—e o meu púlpito é conhecido por seus clamores de justiça e apelo à soberana misericórdia de Deus.

Eu sou a igreja—o palacete das grandes festividades!

Os jovens vêm-se casar no meu altar. Os recém-nascidos são trazidos para dedicação. Os crentes chegam para ser batizados. As minhas portas estão abertas ao companheirismo. O meu calendário desenvolve-se e gira à volta dos eventos do ano cristão.

Eu sou a igreja—um santuário de tristeza. No meu altar as famílias enlutadas prestam homenagem aos seus defuntos. No meu gabinete pastoral são penosamente revelados fardos de séculos. As minhas paredes abrigam os sentimentos de mágoas escondidas. As minhas janelas reflectem a angústia de sofrimento inesperado.

Os meus corredores ecoam o menosprezo daqueles que passam por necessidade incompreendida.

Eu sou a igreja—mas não sou arcos e candelabros, órgãos de tubos e bancos de madeira. Sou o povo, o povo santo de Deus!

Eu sou a igreja—a extensão literal do Corpo de Cristo. O meu povo, os verdadeiros filhos de Deus, são os meus representantes visíveis num mundo perdido. Eles são a genuína e única igreja!

Eu sou a igreja—e enfileiro como operária nas fábricas por toda a parte. Soldo vigas de metal, trabalho com tornos de aço, levo o meu lanche, uso instrumentos de precisão

e saio à volta das cinco horas e meia. Trabalho honradamente para merecer salário honesto.

Eu sou a igreja—e existo para servir, ensinar e orientar. As minhas mãos constroem hospitais de missão em colónias de leprosos. Os meus dedos saturam feridas. A minha voz é ouvida nas mansões de justiça. Os meus ouvidos estão atentos ao que diz o conselheiro e a minha pena ilumina a mente do homem.

Eu sou a igreja—e a minha razão de existir é estar colocada numa posição de curar. O meu povo não pode curar *todas* as enfermidades. Os meus ministros não podem apaziguar *todos* os conflitos. Os meus santos não conseguem restabelecer *todas* as relações desfeitas. Mas a minha missão é tentar. Estou aqui para afastar o egoísmo, suportar o sofrimento e me envolver na tarefa arriscada de ajudar.

Eu sou a igreja—uma missão de salvamento a um passo do inferno. Por vezes, os meus braços estão cansados e os números resumem-se a pouco. O meu tempo é sempre curto. Careço de tempo e energia para investir em brigas insignificantes, conflitos internos, contendas provocadoras de divisão. Não posso continuar com desordens políticas dentro do meu corpo, quando há homens do outro lado da rua condenados ao inferno.

Eu sou a igreja—o último sonho de Deus. O que o Senhor intenta fazer, fá-lo—á através do Seu povo—a igreja. E aquilo que o Seu povo—a igreja—não fizer, o Senhor não o fará! Deus usou antigamente os profetas. Depois o Seu Filho, Jesus Cristo.

Agora usa a igreja—Seu sacerdócio real—para realizar o Seu sonho.

Eu sou a igreja—mas não estou na igreja! O meu povo reúne-se regularmente para orar, adorar a Deus e aprender. Mas depois espalha-se pelo mundo para amar, testificar e fazer discípulos!

Eu sou a igreja—e sou apenas tão forte como você. Se você for fraco, eu também o serei. Se você for inútil, eu serei inútil. Se você for poderoso, eu serei poderosa. Se você for puro, eu serei pura. □

—JIM SPRUCE

EU SOU A IGREJA

Atacado por muitos e defendido por poucos, Martinho Lutero parecia ter-se metido num beco sem saída. A sua influência inovadora entre os estudantes da recém-fundada universidade de Witenberg, onde leccionava Sagrada Escritura, provocou celeuma. Viam-no como mais um "revolucionário". E era-o realmente, mas no bom sentido da palavra.

Além de perito em latim, dominava o grego e o aramaico. Podia facilmente ombrear com qualquer teólogo enviado pelo papa para o condenar. Quando o cardeal Caetano entrevistou Lutero para o obrigar ao silêncio, falsificou alguns detalhes da bula "Unigenitus" do papa Clemente VI. Lutero citou-lhe o verdadeiro texto.

Como muitas pessoas devotas duma igreja moralmente decadente, Lutero desejava avivar o espírito da Igreja Primitiva entre os cristãos do seu tempo. Deu ênfase às Sagradas Escrituras opondo-se à tradição que se tinha distanciado da doutrina apostólica. Ensinou que a justificação é pela fé na obra meritória do Cristo crucificado e ressurrecto. Que ninguém recebe o perdão de Deus por suas boas obras. Elas não salvam. Cada fiel é um sacerdote e apenas necessita da mediação de Jesus

Cristo para se realizar o encontro da alma com Deus. Quatro anos depois da Dieta de Worms, Lutero casou com Catarina de Bora, pondo em prática o que ensinava do púlpito: "É melhor casar do que abrasar-se" (I Coríntios 7:9). Também vincou que a igreja não é a hierarquia, mas a comunidade dos fiéis.

Da posição doutrinária assumida pelos Reformadores surgiram profundas diferenças. Para os evangélicos a fé conduz a uma completa consagração a Deus. Revela a verdade divina através dos livros inspirados da Bíblia. A mensagem do céu encontra-se no conteúdo da Palavra de Deus. Todos os outros escritos são simples comentários, bons ou maus.

Para os católicos a fé é um assentimento intelectual à revelação divina. Deus comunica-se por intermédio dos ensinamentos da Igreja. Estes dois métodos diferentes—a Bíblia e o magistério da Igreja—ainda hoje separam a posição católica da evangélica quanto ao alcance e lugar do encontro humano-divino. Os católicos localizam o encontro na Igreja, através do ensino de bispos, papa, liturgia, Sagradas Escrituras, crenças e práticas tradicionais transmitidas ao longo de séculos. A Bíblia, segundo eles, é instrumento de ensino, norma e exortação. Faz parte da tarefa ministerial da igreja que procura encaminhar o homem para Deus. É esta que ensina, santifica, edifica, consolida e guarda as chaves do Reino dos céus. Como consequência, surgiu o dogma

de que "fora da Igreja (Católica) não há salvação". Também, que nenhum fiel é apto para estudar ou interpretar as Escrituras sem o magistério da igreja. "O papa ensina no nome do episcopado, os bispos no nome da igreja, esta no nome de Cristo e Jesus Cristo no nome de Deus" (Gustavo Weigel).

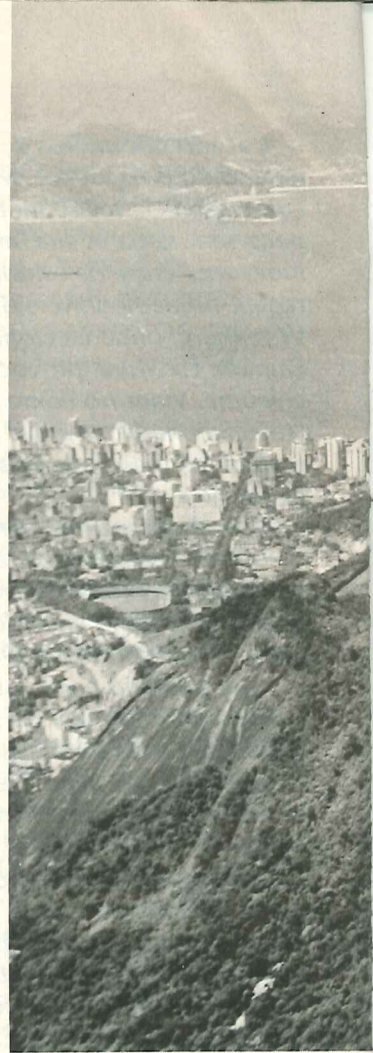
Para os evangélicos, os ensinamentos da Bíblia sobrepujam os da igreja. O encontro humano-divino realiza-se por intermédio de Jesus Cristo, não do magistério eclesial. As Sagradas Escrituras são o fulcro da revelação divina. "Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens Jesus Cristo" (I Timóteo 2:5).

Os Reformadores do século XVI tinham em vista restaurar a verdadeira fé, não criar um grupo dissidente. Ainda hoje há pessoas de diversos credos com idênticas aspirações! A diferença está no método seguido para alcançá-las. Mas poderão essas pessoas chegar algum dia a prescindir de tantas divergências secundárias para alcançar o essencial—a salvação por Jesus Cristo num encontro genuíno da alma com Deus? "Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4:24). □ —ACÁCIO PEREIRA



ENCONTRO

REDENTOR



LUTERO — HOJE E AQUI

Há dois modos de considerar Martinho Lutero (e a todos os homens grandes do passado): pelo que ele foi no seu tempo e pelo que dele nos chegou. As duas perspectivas são diferentes.

Colocamo-nos na segunda.

Martinho Lutero deu-nos a Bíblia. Claro que ela já existia antes, tinha sido copiada por escribas, traduzida para várias línguas, estudada e comentada. Mas isto acontecia nos meios teológicos ou entre grupos reduzidos de cristãos. Deve-se a Lutero o facto da Bíblia ter sido colocada nas mãos do povo e no centro da vida da igreja.

Devemos acrescentar que Lutero tratou a Bíblia com tal liberdade que hoje o acusariam de lhe faltar ao respeito. Isso porque Lutero não era fundamentalista, apenas buscava Cristo nas Escrituras Sagradas e apreciava mais as páginas que lhe falavam d'Ele.

Poderá ter-se como contraditória a atitude do Reformador? Claro que se pode discordar dele em pormenores. Por exemplo, há pessoas que encontram alimento espiritual nas passagens que Lutero considerava mais áridas. A sua atitude é coerente: no centro da vida da igreja ele não coloca o templo, a liturgia ou o sacerdote; mas a Bíblia e, no centro desta, Cristo. Da mesma forma que a igreja se deve reformar com base na Escritura,

também esta se deve ler através de Cristo.

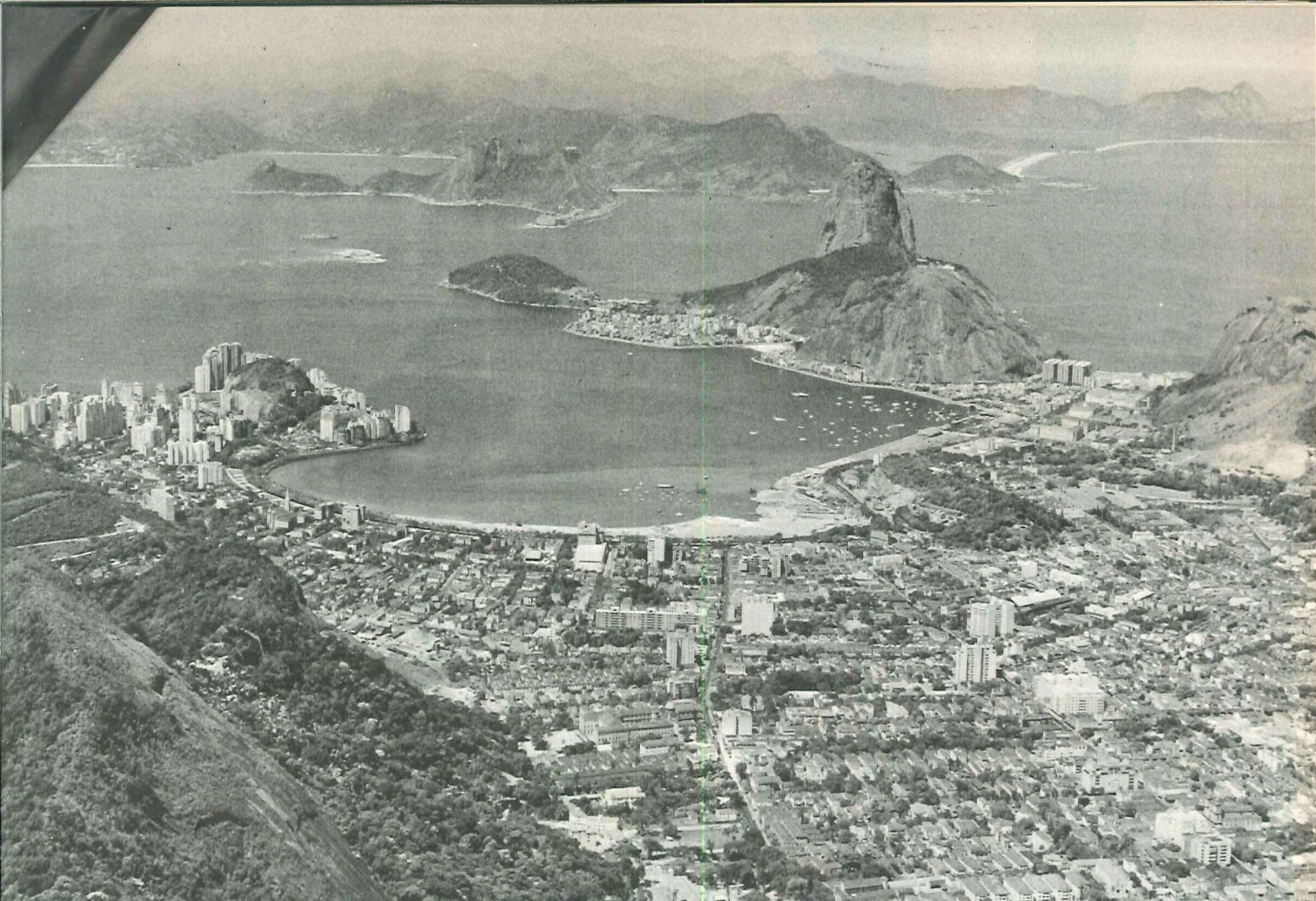
Lutero não declarou estas coisas com muitas palavras. É esta a herança que dele recebemos. Por isso é que num debate teológico não podemos ir uns contra os outros armados de versículos bíblicos como se tivéssemos a verdade: somente nos podemos inclinar juntos diante do Cristo que nos fala através da Bíblia.

Isto é importante no nosso tempo. Em certos meios ecuménicos fala-se demasiado de "tradição", como se a unidade da igreja dependesse dela. Não, a unidade da igreja depende da obediência de todos às Sagradas Escrituras.

Frente à tentação fundamentalista de reduzir a Bíblia a um conjunto de fórmulas e preceitos, está a grandeza, a liberdade e a transcendência de Jesus Cristo que nunca se poderão reduzir a formulários.

Outra herança que recebemos de Lutero é uma mensagem antijerárquica e antiautoritária. Não é uma declaração ousada. O próprio Lutero recorreu ao poder militar dos príncipes alemães para apaziguar a revolução dos camponeses. É ele que interpreta o mandamento do respeito aos pais como de obediência às autoridades.

No entanto, Lutero recusa obedecer ao papa, a maior autoridade do seu tempo, quando reconhece haver discrepância entre aquilo que o papa ensina e



a doutrina revelada nas Sagradas Escrituras.

Lutero descobriu também que os cristãos são um povo sacerdotal; que todos têm o mesmo poder e que todos participam por igual da missão sacerdotal do povo de Deus. Nenhum dos actos próprios do ministério cristão é prerrogativa exclusiva de determinado grupo de crentes. Na igreja há diferentes tarefas, mas os graus de poder e de subordinação são iguais.

Hoje isto é importante perante um papa que continua a apresentar a obediência ao seu magistério como elemento essencial para a unidade da igreja; perante burocracias eclesiásticas que centralizam demasiado poder; perante grupos que se consideram depositários exclusivos da recta interpretação da verdade; perante líderes que facilmente "dominam" a grei em vez de a servir.

Martinho Lutero ensinou a respeitar Deus. Nas primeiras páginas da sua biografia, Roland Bainton diz que a elite da cristandade europeia se tornara céptica e mundana no tempo do Reformador. Num século e meio a fé voltou a ser um elemento central, inclusive na política.

Lutero conseguiu esse resultado porque ele tomava Deus a sério. Fê-lo no convento quando se atemorizava diante da ideia do juízo de Deus; e depois da sua conversão quando declarava a

suficiência da graça divina, a qual se pode aceitar com alegria e confiança, como uma criança aceita uma dádiva da mão do pai que a ama.

Na nossa época materialista o que realmente precisamos não são argumentos de raciocínio (que não existem) para confundir os ateus, mas confiança humilde, simples e incondicional na bondade e graça de Deus.

Essa confiança leva-nos a resistir à tentação subtil de alguns grupos que exageram, com lamentações, o pecado. Sem dúvida que somos grandes pecadores; mas, o exemplo de Lutero (e antes dele, da mensagem do Evangelho), declara que a graça de Deus é maior que o nosso pecado. No centro da vida cristã não está o pecado, nem o arrependimento (por mais importante que seja), nem mesmo a santificação (sem a qual ninguém verá o Senhor), mas a graça, a bondade e o amor de Deus. Por outras palavras, o que está no centro não somos nós (com os nossos pecados) mas Deus com a Sua graça. Este ambiente de gozo, serenidade e confiança que pode caracterizar a vida cristã, devemos-la em grande parte à forma como Lutero soube pôr Deus—e não o homem—no centro de tudo. □

(DE EL FARO)

—ALDO COMBA

A Dieta de Worms



No mês de Abril de 1521, Worms, cidade alemã de sete mil habitantes, situada na margem ocidental do rio Reno, encheu-se de visitantes. Presente esteve também o jovem imperador Carlos V, a quem se observava com curiosidade e simpatia. Os príncipes do império acudiram em maior número inusitado. O núncio papal, um dos poucos homens cientes do significado histórico do momento, estava sempre a enviar mensagens urgentes para Roma, de forma que se conserva material detalhado e interessante para investigação. No entanto, nenhum deles era o centro da atenção pública.

Esta concentrava-se em Martinho Lutero. Na medida em que o permitiam os meios de comunicação da época, tinha-se recebido a notícia da viagem do monge de Wittenberg através dos territórios alemães. Muitos sabiam que houvera longa discussão a nível diplomático sobre se Lutero devia comparecer pessoalmente perante o imperador e a dieta. O representante do papa fizera tudo ao seu alcance para o impedir. Não faltaram ameaças. Ainda todos recordavam a sorte de João Huss que, apesar de salvo-conduto, fora queimado por decisão do Concílio de Constança.

O povo saudava e admirava a coragem e a fé de Lutero. Contava-se como ele tinha respondido ao capelão do príncipe da Saxónia que procurara dissuadi-lo da viagem: "Ainda que haja em Worms tantos demónios como telhas nos telhados, quero ir". A sua viagem converteu-se numa campanha triunfal. A universidade de Erfurt recebeu-o com grandes honras no limite da cidade. A igreja dos agostinianos encheu-se quando ele pregou no domingo depois da Páscoa. Uma única frase do sermão se refere ao seu futuro pessoal: "Quero dizer a verdade, tenho que a dizer mesmo que me custe a cabeça vinte vezes".

Na manhã do dia dezasseis de Abril vários nobres saíram de Worms a cavalo ao seu encontro. Às seis horas da tarde Lutero foi introduzido na sala da dieta.

Foram-lhe feitas duas perguntas: "Confessa-se autor dos livros presentes? Está disposto a retratar-se deles total ou parcialmente?"

Depois de examinar os títulos dos livros respondeu afirmativamente à primeira pergunta. Com respeito à segunda pediu tempo para pensar.

Foi-lhe concedido um prazo de 24 horas. Avisaram-no de que deveria responder sem manuscrito. E assim terminou a audiência.

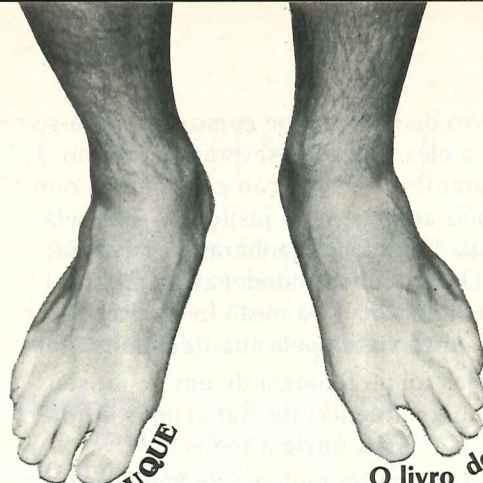
Os príncipes e visitantes que acabavam de ver pela primeira vez o célebre monge de Wittenberg ficaram de certo modo desiludidos. Parecia que o problema apresentado como um grande drama se resolveria facilmente.

No dia seguinte, à mesma hora, Lutero compareceu novamente diante da ilustre assembleia; desta vez numa sala maior do palácio do bispo, repleta de gente. Abriu-se o interrogatório com as mesmas perguntas. Em seguida, com respeito e cortesia perante "sua majestade, altezas e excelentíssimos príncipes", Lutero procurou fundamentar o "não" que deu como resposta à segunda pergunta. Foi interrompido para que desse resposta concisa e clara. Seguiu-se, então, a resposta que se tornou famosa na história:

"Como Vossa Majestade e Vossas Altezas, Senhores Príncipes Eleitores desejam uma resposta simples e precisa, darei uma sem mais rodeios, a saber, salvo o caso que me vençam e me refutem com testemunhos das Sagradas Escrituras ou com argumentos e motivos públicos e evidentes—uma vez que não creio no papa nem nos concílios, porque é manifesto e patente que têm errado frequentemente e se contradizem a si próprios—e como eu com as passagens que citei estou convencido e a minha consciência está ligada à Palavra de Deus, não posso nem quero retratar-me, porque não é seguro nem aconselhável fazer-se algo contra a consciência. Aqui estou, não posso proceder de outra forma. Que Deus me ajude! Amém."

Parecia que com esta resposta tudo ficava esclarecido; o monge de 37 anos que desafiava a autoridade máxima do Sacro Império não podia esperar senão a sua condenação. No entanto, uma execução imediata teria conduzido a revolta geral. Evidenciavam-no as multidões que nas ruas tinham aclamado Lutero.

Depois de dias de negociações, conversas privadas e novas tentativas de persuadir Lutero a abandonar a sua posição, foi publicada a sentença: a sua proscrição do império. Isso significava que perdia todos os direitos de cidadão e que podia ser morto impunemente. Além disso, ficava proibido ajudá-lo ou hospedá-lo sob pena de perder direitos e propriedades quem o fizesse. No entanto foi-lhe dado um salvo-conduto imperial para a viagem de regresso: um prazo de 21 dias até entrar em vigor a proscrição. □ —ESTANDARTE CRISTÃO



HABACUQUE
—UMA
SOMBRA
GIGANTE

—KENT BROIWER

O livro de
Habacuque
contém um dos
textos mais
célebres da
Igreja Cristã.

Consideremos este versículo: "O JUSTO VIVERÁ PELA SUA FÉ" (2:4). É a pedra angular da teologia de Paulo, referida em Romanos 1:17 e Gálatas 3:11. Além disso, é também o grito da Reforma.

Habacuque tocou um problema eterno. Por que existem sofrimento e injustiça num mundo governado por Deus? Se o que buscamos é uma resposta filosófica ao problema do mal, Habacuque falha-nos. Mas se quisermos uma que nos satisfaça onde quer que vivamos, Habacuque oferece a que é refrigério no meio do sofrimento.

Habacuque, tal como os autores de Salmos, não mede palavras na sua mágoa ressentida em relação a Jeová: "Tu não me escutarás... Não salvarás" (1:2). "Até quando" a situação se prolongará? Habacuque queixa-se de violência. Recolhe-se então o profeta à "torre de vigia" e aguarda solução divina.

A resposta de Deus foi imediata. Jeová agirá a favor do Seu povo no "tempo determinado". Entretanto, "o justo viverá pela sua fé". Esta resposta divina não era, certamente, o que esperava Habacuque; promete-se livramento, mas ele não chegará tão cedo (2:3).

Contudo, os que forem justos permanecerão fiéis a Deus e confiantes na Sua justiça e misericórdia, a despeito das aparências de que Deus é injusto. Tal fidelidade lhes garantirá que Deus é o Dador da vida.

Cerca de 500 anos mais tarde, a comunidade Qumran interpretou o

livro de Habacuque como referindo-se a eles... que perseveraram mesmo durante a perseguição e se mantiveram fiéis ao Mestre da justiça. Assim, pela sua fidelidade, ganharam a salvação. Outros judeus condenaram mais de 600 leis do Tora nesta lei básica: "O justo viverá pela sua fidelidade".

Mas foi na teologia de um ex-fariseu que a influência de Habacuque é hoje mais óbvia a todos nós.

No âmago da teologia de Paulo reside a afirmação: "O justo viverá pela fé". Sob o ponto de vista paulino, a Fé é um dom de Deus e não produto de boas obras realizadas pelo homem. Salvação pela fé é, portanto, o único meio de redenção; salvação por meio de obras é impossível. Em Gálatas 3:11, Paulo usa Habacuque 2:4 como instrumento para combater a ideia que se pode obter a salvação através das obras da lei.

Para reforçar este ponto, parece que Paulo toma certas liberdades com Habacuque 2:4. Mas um exame mais profundo revela que o argumento de Paulo não se afasta tanto do sentido original. Em Habacuque, o justo viverá pela fidelidade em manter sua confiança em Deus, a despeito de circunstâncias adversas. Para Paulo, o justo recebe vida pela fé, que está enraizada num Deus que justifica o ímpio independentemente das obras. Ambos alicerçam a reivindicação da salvação inteiramente na misericórdia de Deus.

Quase 1500 anos mais tarde, a sombra de Habacuque caiu sobre Martinho Lutero. Após longo período de meditação, as poucas palavras de Romanos 1:7, tão completamente obscuras no Catolicismo medieval, tornaram-se claras para ele. Por sua própria confissão, a ideia de que Deus justificava os pecadores sem outorgar méritos às suas obras—foi tão libertadora, que ele se sentiu nascido de novo. Romanos 1:17, disse Lutero, tornou-se a porta de entrada para o paraíso.

As palavras de Habacuque, que se tornaram o alicerce para a Reforma, continuam a ser hoje a nossa esperança. Que a mensagem de Paulo, a revelação de Lutero e a influência de Habacuque possam permanecer. □

HOMENS QUE

Martinho Lutero (1483-1546) transformou o mundo em que viveu. Aos vinte e sete anos, sentiu a alma dominada pela grande verdade, enquanto meditava sobre os versículos 16 e 17 do primeiro capítulo da Epístola aos Romanos. O texto proclamava que não somos justificados pelas obras, mas salvos pela fé em Cristo. Eis as palavras que o transformaram: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê...visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé".

Revelou-se a luz: não somos salvos pelas obras, nem pela penitência, nem pela igreja—mas pela fé em Cristo. Lutero transformou-se e transformou a sua nação e o mundo. Também teve influência na transformação de Wesley.



TRANSFORMARAM O MUNDO

João Wesley (1703-1791) nasceu no lar dum ministro do evangelho. Recebeu esmerada educação em Oxford. Tornou-se pregador formal e ritualista da Igreja Superior Anglicana.

Pouco antes do pai falecer, em 25 de Abril de 1738, este disse-lhe: "O testemunho interior, meu filho, é a prova; o testemunho interior é a prova mais sólida e mais convincente do Cristianismo."

Dois anos depois, a 24 de Maio de 1738, às cinco horas da manhã, João Wesley abriu o Novo Testamento nestas palavras do apóstolo Pedro: "Pelas quais (graças) nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina" (II Pedro 1:4). E, ao sair de casa, deparou com as palavras: "Não estás longe do reino de Deus" (Marcos 12:34).

À noite foi com relutância assistir a uma reunião na Rua Aldersgate, onde algumas almas piedosas se reuniam para oração e estudo bíblico. Um dos presentes estava a ler o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos, descrevendo a salvação pela fé.

Wesley conta: "Cerca de um quarto para as nove, enquanto ele descrevia a transformação que Deus lhe operou no coração, pela fé em Cristo, senti que o meu se aquecia de modo estranho. Sentia que, de facto, confiava em Cristo, e somente n'Ele, para a salvação; e foi-me dada a certeza de que Ele removera os meus pecados e me salvara da lei do pecado e da morte. Comecei a orar com todas as minhas forças por aqueles que, de forma mais especial, me tinham tratado mal e perseguido. Dei testemunho, então, publicamente, do que sentia, pela primeira vez, no coração."

No dia 11 de Junho de 1738, dezoito dias após a sua conversão, Wesley pregou o seu famoso sermão na Universidade de Oxford, tendo por tema "Pela Graça Sois Salvos, Mediante a Fé", prédica que se tornou o ponto chave de todo o seu ministério.



Jorge Whitefield (1714-1770) foi colega íntimo de João Wesley na fundação do Metodismo. Enquanto Wesley se evidenciava como estudioso e organizador, Whitefield foi orador e evangelista entusiasta.

Havia em Whitefield a união da chama do entusiasmo com a chama do amor, que o tornaram tão eficaz e influente. Era também estudante em Oxford. Conta que enfrentou uma crise e compreendeu que tinha de "nascer de novo". Entregou-se à procura fervorosa desta bênção. Finalmente, ao encontrá-la, declarou: "Conheço o lugar. Talvez se tenha isto como superstição, porém, sempre que vou a Oxford, corro até o local onde Jesus Cristo Se me revelou pela primeira vez e me fez nascer de novo. Com que alegria, gozo inefável e regozijo repleto de glória a minha alma se encheu, quando o peso do pecado me abandonou e tive a sensação permanente do amor e perdão de Deus!"

Foram dias grandiosos aqueles em que Lutero, Wesley e Whitefield se transformaram; e o mundo foi por eles transformado. □ —RUSSEL DE LONG



Segundo a Bíblia, a Palavra revelada aos homens por inspiração divina, ninguém em pecado e sem a santificação verá o Senhor (Hebreus 12:14). Daí a recomendação do apóstolo Pedro: "Sede santos, porque eu sou santo" (I Pedro 1:16). Não pode haver comunhão das trevas com a luz, nem do pecado com a santidade de Deus; pois, de acordo com a declaração bíblica, "todos estão debaixo do pecado... Não há justo, nem sequer um" (Romanos 3:9-10). Daqui se conclui que todos os homens estão destituídos da graça divina, separados da comunhão com Deus e condenados a eterna perdição.

Assim como todas as coisas foram criadas para o homem, também este foi criado para Deus, para conviver com Ele em inocência e santidade. Essa convivência existiu antes do pecado do homem. Usando mal a sua liberdade, o homem revoltou-se contra a autoridade do seu Criador, atraindo sobre si e sua descendência, separação e maldição.

Desligado da fonte de pureza e gemendo sob o peso do pecado, a criatura humana foi-se afastando do Pai de amor sem se poder redimir. O abismo da separação foi crescendo e, como o homem fora criado para o seu

Criador, a alma suspira pelo reencontro com Deus. Entretanto, vivendo sob a lei do pecado, é de continuo inclinado para o mal, como testemunhou o apóstolo Paulo: "Não faço o que prefiro e, sim, o que detesto... Desventurado homem que sou!" (Romanos 7:15 e 24). Revelação da fraqueza humana!

Sentindo sua fragilidade espiritual o indivíduo procura justificar-se de suas maldades e encontrar méritos diante de Deus. Em demanda desse objectivo, tem architectado muitas religiões supostas firmes para transpor o abismo entre Deus e a criatura humana.

Confiado em suas aptidões, o homem inventou todos os meios possíveis para justificar os seus pecados. Daí surgirem tantas

religiões com pretensão de verdadeiras. Por isso, muitas pessoas perguntam: "Qual será realmente a verdadeira? Qual a religião que melhor encaminha o pecador para Deus?" Com tantas à nossa volta, só o conseguiremos saber recorrendo à Palavra de Deus.

A religião genuína e suficiente não é uma criação da mente nem um rosário de preceitos ou regras. É a expressão do poder e do amor sacrificial de Deus. É aquela que apresenta Jesus Cristo, uma Pessoa divino-humana, que veio ao mundo, viveu sem pecar e deu a vida por nós na cruz. Fê-lo para remissão de nossos pecados, conforme João 3:16-17.

Com os braços abertos na cruz, Cristo religou o pecador a Deus por Sua morte expiatória, garantindo-lhe vida eterna. O Seu sangue inocente derramado para redenção do pecador restabeleceu a comunhão perdida no Éden. Só Jesus Cristo tem poder para nos ligar ao Pai e conceder verdadeiro descanso. Ele convida: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). E a Bíblia declara: "Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida" (I João 5:12). □



religião genuína

—OSWALDO BORGHI

Que devemos
fazer quando
enfrentados por
uma autoridade
que se oponha
ao evangelho?

NAS MÃOS DE DEUS

—MICHAEL GOUGH

Em Actos 4:23-31 vem
narrado o encontro de Pedro e João
com o Sinédrio. Fora recomendado a esses
homens, discípulos de Jesus (v. 13), que não
falassem mais no nome do seu Mestre. O Sinédrio
ameaçara castigá-los se continuassem a falar da
obra milagrosa do seu Amigo.

Pedro e João regressaram ao seu povo enquanto
enfrentavam o conflito de actuar no nome de Cristo.
Estar com a família ou com a igreja é sempre um
bom lugar para se receber apoio em momentos
difíceis.

A Igreja Primitiva apresenta um exemplo
adequado para tratarmos de problemas deste
género. Eles oraram com grande consciência do
poder de Deus.

Martinho Lutero foi certa vez ameaçado pelo
enviado do papa de que seria abandonado por
todos os seus simpatizantes. "Onde te refugiarás
então?", perguntou o enviado. "Então, como agora",
respondeu Lutero, "estarei nas mãos de Deus".

Em vez de abandonar o seu ministério por causa
das ameaças do Sinédrio, Pedro e João, bem como
seus amigos cristãos, oraram por mais ousadia para
falarem da Palavra de Deus. Reconheceram que os
reis e os príncipes deste mundo se tinham juntado
todos contra o Senhor (v. 26) mas, em lugar de
ficarem temerosos, pediram mais coragem.

Enquanto suas orações eram respondidas,

estremeceu o lugar
onde estavam reunidos,
talvez como um sinal para
a Igreja nascente de que Deus
escutara as orações.

Que devemos fazer quando enfrentados por uma
autoridade que se oponha ao evangelho?

Afastar-nos para evitar problemas ou orar por mais
ousadia para falarmos sobre a Palavra de Deus? O
poder do Senhor Soberano está ao dispor daqueles
que O buscam. Possamos nós, como Lutero, ter a
confiança de estarmos nas mãos de Deus, enquanto
participamos da Sua obra neste mundo. ☐

Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE**?

Faça HOJE a sua assinatura!

Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o
Endereço antigo

Nome _____

Endereço _____

NOVO ENDEREÇO

A OBEDIÊNCIA CUSTA MAS RECOMPENSA

—LELA JACKSON

A ocasião foi um casamento. Jesus era um dos convidados. Surgiu uma necessidade e a mãe do nosso Senhor creu que seu Filho tinha poder para fazer tudo que decidisse e que havia de dar socorro naquela hora. Suas instruções aos serventes ocupados e frustrados foram breves mas decisivas: "Fazei tudo quanto Ele vos disser" (João 2:5). Jesus deu ordens; os serventes cumpriram-nas; a festa de casamento foi um êxito.

Façamos algumas observações importantes para nós, Seus seguidores.

1. *A obediência dos servos foi completa...* "Fazei tudo quanto Ele vos disser". Se nós ouvirmos e procurarmos a vontade de Deus, a Sua chamada também chegará a nós. Não se espera menos de nós do que dos servos, de Caná da Galileia. A obediência a Cristo, nosso Senhor, deve ser absoluta, total.
2. *A obediência foi específica...* Eles não podiam fazer o que melhor lhes parecesse, mas seguir com exactidão as instruções do Senhor. Deus é onnisciente e sabe o que é melhor para nós e para

o avanço do Seu reino. Nós estamos a executar Suas ordens.

3. *A obediência dos servos foi imediata.* Não esperaram até que os convidados saíssem ou fosse mais conveniente, actuaram imediatamente. Obediência pronta à vontade e chamada de Deus deve ser a resposta de cada um de nós, Seus discípulos.

Qual o resultado? A intervenção divina. A necessidade foi completamente suprida. Jesus revelou a Sua glória e aumentou a fé dos discípulos.

Há cerca de dois anos, um casal com duas filhas jovens participaram num grupo de Trabalho e Testemunho, no Haiti. Eram cristãos nominais, fiéis à igreja e serviam a Deus com diligência. Mas, enquanto trabalhavam nesses dias no campo missionário e também nos meses seguintes, Deus pôs nos seus corações amor e compaixão pelo povo desse país vítima da pobreza. Começaram a interrogar-se: "Que poderemos nós fazer?" Sentiram, então, que o Mestre os chamava para O servirem em tempo integral. A completa submissão à vontade perfeita de Deus levou-os a renovar a sua dedicação e a responder *sim*. Este prendado e distinto casal deixou a pátria, trabalho, amigos, parentes e muitas comodidades da vida. Hoje encontra-se a trabalhar com os nossos missionários no esforço comum de ajudar os cristãos do Haiti. Surgiram muitos obstáculos, mas a obediência foi completa, específica e imediata.

Jesus disse: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos" (João 14:15). Ele próprio deu o exemplo para O seguirmos: "Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu; e, sendo Ele aperfeiçoado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que Lhe obedecem" (Hebreus 5:8-9).

Procuremos espalhar a santidade pelo mundo—através da obediência. ☐

Recorte e envie este cupão à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES.
Nos E.U.A., 6401 The Paseo, Kansas City,
Missouri 64131. No BRASIL, C.P. 4121,
01051 São Paulo, SP. Em CABO VERDE,
C.P. 60, Mindelo, São Vicente.
Em PORTUGAL, Rua Castilho
209, 5º E., 1000 Lisboa.

Faça uma assinatura enviando a
importância de US\$4.00 para qualquer
dos endereços acima indicados.





Uma
crise
pessoal
pode
alterar a
saúde física,
mental, emocional e
espiritual daquele que
a sofre; além de mudanças drásticas
na sua economia, trabalho, família,
vizinhança e igreja.

O mais importante é enfrentar
a crise com êxito. Desejariamos
que você nunca se envolvesse nela,
mas desafiar com êxito os efeitos
nocivos duma crise requer certa
destreza espiritual. Jesus de Nazaré
enfrentou com êxito o desafio da crise
pessoal, deixando-nos o exemplo.

Apontar Jesus como exemplo cria
nalgumas pessoas pessimismo. Pensam
que Ele saiu vitorioso graças a recursos
sobrenaturais que não se encontram ao
alcance do homem comum. Mas isso não
é verdade.

Consideremos como o Mestre enfrentou
a morte de Lázaro. Quais as Suas reacções?
"Moveu-se muito em espírito e
perturbou-se...chorou" (João 11:33,35). Tal
situação não constituiria para nós uma crise
pessoal? Por que pensar que a não foi para
Jesus?

E que diremos do momento decisivo
(como são todos os momentos de crise) em
que uns estrangeiros chegaram para ver o
Mestre? Embora nos seja difícil captar o
motivo total da crise, o certo é que a
reacção foi chocante: "Agora a minha alma
está perturbada; e que direi eu?" (João
12:27).

Um outro caso ilustra a realidade das
experiências de crises pessoais de Jesus.
Tratava-se duma situação frequente de
conflito entre os líderes religiosos e o
Mestre. A discussão girava à volta de ser
lícito ou não curar um enfermo em dia de
descanso sabático. A narração bíblica diz
que Jesus olhou para os inimigos em redor
"com indignação, condoendo-se da dureza
do seu coração" (Marcos 3:5). A situação
criou em Jesus uma crise
pessoal—indignou-Se e entristeceu-Se.

Como sair airoosamente duma crise?
Como saiu Jesus?

Conforta-nos saber que Jesus enfrentou
crises pessoais como as nossas. Seria

como enfrentar crises?

Quando é que
uma crise pessoal de
qualquer natureza se
pode tornar perigosa
e ameaçadora? Que
fazer para a evitar?

Toda a crise
acarreta mudanças
inevitáveis. Para bem
ou para mal, é isso
que caracteriza uma
crise. A mudança é
muitas vezes profunda
e duradoura.

admirável que os conselheiros espirituais nos apontassem mais para a vida de Jesus! Oferecer-nos-iam vestígios de triunfo quando temos de enfrentar os perigos e ameaças duma crise. São as pegadas deixadas por Jesus nas crises que sofreu na própria carne que precisamos de seguir.

O famoso missionário E. Stanley Jones foi o primeiro a chamar-me a atenção num dos seus livros sobre a fórmula que Jesus usou para vencer crises pessoais. Consta de dois passos.

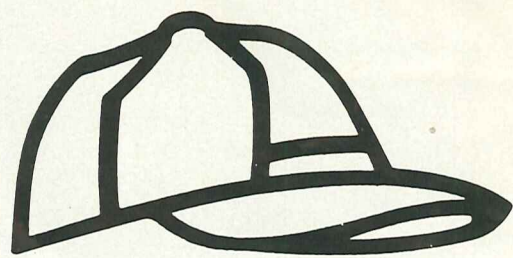
Primeiro, Jesus nunca permitiu que a crise se prolongasse além do necessário. Fez sempre o que Stanley chama "reconciliação interior instantânea". Enfrentou e venceu com prontidão os perigos e as ameaças que a crise representava.

Assim, por exemplo, depois das emoções que Jesus sentiu na morte de Lázaro, vêm palavras de conforto e certeza que o Mestre disse a uma irmã do defunto: "Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?" (João 11:40). Num ajustamento interior, quase relâmpago, o Mestre superara a crise e convidava Maria a fazer o mesmo!

Em todos os outros casos de crise pessoal, Jesus saiu airoso. Em nós as crises chegam a prejudicar-nos física, emocional, mental e espiritualmente. Isso, por não termos aprendido de Jesus o princípio poderoso de não haver razão para que as crises se prolonguem. Quanto mais depressa exercitarmos a fé que nos permita uma reorganização interior, a nível espiritual, mais depressa sairemos da crise; e mais depressa veremos a glória de Deus.

O segundo passo que Jesus deu para ultrapassar a crise pessoal foi firmar-se no plano e propósito do Pai para a Sua vida. Quando o Mestre orou diante do túmulo de Lázaro disse: "Pai, graças te dou, por me haveres ouvido... mas eu disse isto por causa da multidão que está em redor, para que creiam que tu me enviaste" (João 11:41-42). A crise pessoal só será destrutiva se nos afastar de Deus.

Como proceder, pois, nas crises da vida? Aprendamos de Jesus, nosso exemplo, duas maneiras de as ultrapassar: reconciliação interior instantânea, por fé, para restabelecer o mais depressa possível o nosso equilíbrio espiritual; e como saldo final da crise, depois de vencida, firmar-nos mais no propósito de Deus para a nossa vida. □ —JUAN R. VAZQUEZ PLA



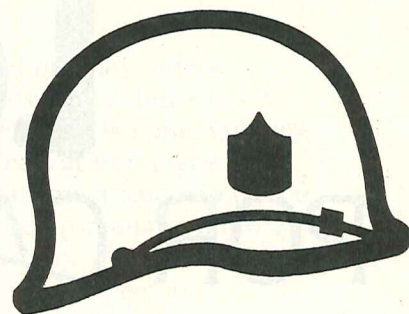
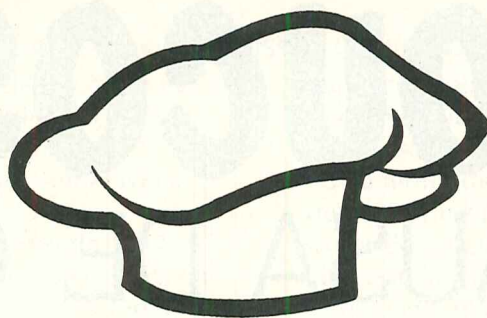
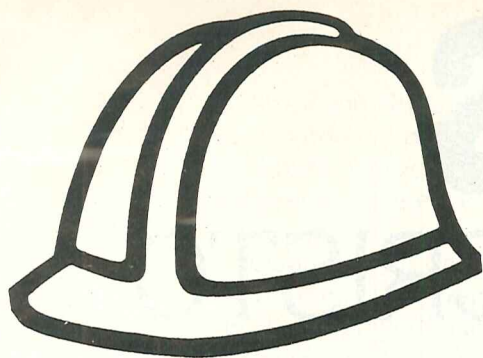
que profissão escolher?

—ERNESTO
J. M. WARNES

Escolher uma vocação implica, por vezes, adoptar um estilo de vida e uma forma adequada de se relacionar com o mundo. Quando um jovem se decide, por exemplo, pela profissão de médico, engenheiro ou advogado, está a optar por uma maneira própria de viver, de se introduzir na sociedade e de ser compreendido por outros. No entanto, é no relacionamento com as pessoas que se vai concretizando o processo de socialização económico-cultural e que se desenvolve o que geralmente designamos por *vocação*.

Quando alguém escolhe uma determinada profissão, tem geralmente em vista múltiplas relações interpessoais, factores económicos, culturais, jurídicos e políticos. Isto não quer dizer que a estrutura social crie vocações. Mas estas precisam do ambiente social para se expressarem. O processo da vocação desenvolve-se sob influências





conscientes ou inconscientes que se reforçam mutuamente e que também podem ter choques ou desvios. Quando desde tenra idade o menino aspira a ser bombeiro ou polícia e a menina a ser professora ou enfermeira, começam logo a identificar-se com suas aspirações.

Também sucede que, nesta fase da vida, os pais podem ter a oportunidade de ver realizados nos filhos os projectos e sonhos que eles próprios não conseguiram concretizar.

À medida que os adolescentes vão crescendo, a sensibilidade e os estímulos fora do ambiente familiar vão aumentando e adquirindo grande influência no desenvolvimento de seu ideal, alvos e objectivos. Os jovens do nosso tempo encontram-se rodeados de inúmeras possibilidades profissionais, sem precisarem forçosamente de aceitar tradições familiares que noutros tempos predeterminavam a sua vocação.

A crescente divisão e especialização do trabalho provê vários ramos para os profissionais. O jovem não tem de optar, como antigamente, ser militar, médico ou sacerdote por ter nascido numa família da classe média.

Realmente há hoje uma grande variedade de profissões. Mas o problema de alguns adolescentes e jovens é qual deve escolher. Para tomar uma decisão acertada ajudará muito dialogar com os pais e outras pessoas entendidas no assunto.

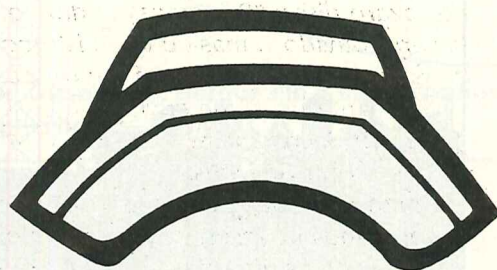
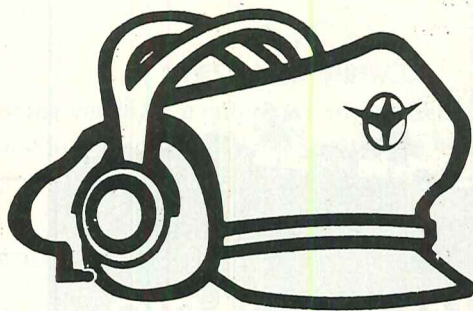
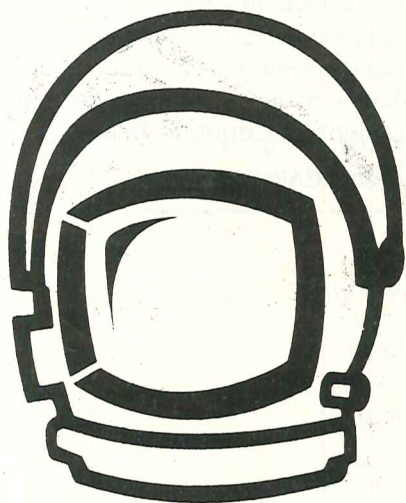
Um dos problemas referentes à vocação é o jovem encontrar-se sob pressão especialmente nos anos de pleno desenvolvimento. As aspirações da família podem levá-lo por vezes a fazer uma escolha errada. Há ainda outros elementos que podem interferir negativamente na escolha, como deixar-se levar por pressões de egoísmo e de imaturidade que conseguem impedir o desenvolvimento das qualidades

próprias de cada indivíduo.

Antes de tomar qualquer decisão, tenhamos consciência de que podem existir profissões desacreditadas, por uma razão ou outra, embora haja mercado para elas. E, também, que algumas oferecem poucas possibilidades de superação que lhes confirmem prestígio intelectual.

De acordo com as estatísticas, menos de 25 por cento dos aspirantes a títulos profissionais conseguem obtê-los. Muitos acabam por emigrar. O indivíduo que não termina a sua educação sente-se frustrado durante toda a vida. Daí a orientação profissional do jovem deixar de ser um problema individual para se tornar colectivo.

Escolher uma profissão é assunto muito sério e que requer, por vezes, mais do que um simples "desejar ser alguém". É sábio, sem dúvida, buscar orientação adequada antes de se tomar qualquer decisão final. □



LOUCOS POR CAUSA DE CRISTO

O apóstolo Paulo disse numa das suas epístolas aos coríntios que somos loucos por causa de Cristo. Mas por que razão?

1. "Certamente a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que

somos salvos, poder de Deus" (I Coríntios 1:18).

2. Nós pregamos o Evangelho que salva e liberta.

3. Rejeitamos os prazeres que o mundo oferece.

4. Amamos o próximo como a

nós mesmos.

5. Não praticamos o chamado "amor livre".

6. Não ingerimos drogas de espécie alguma.

7. Somos feitos filhos de Deus; e, como aconteceu outrora a Jesus, alguns consideram-nos blasfemos.

8. Talvez a maior loucura que nos é atribuída seja de proclamar ao mundo que Jesus Cristo morreu, foi sepultado, ressuscitou e está prestes a voltar para arrebatá-los.

E, agora, como nos considera você, loucos ou sábios? Antes de qualquer conclusão, pense um pouco sobre quão maravilhoso é sermos chamados pelo mundo *loucos por amor a Cristo*.

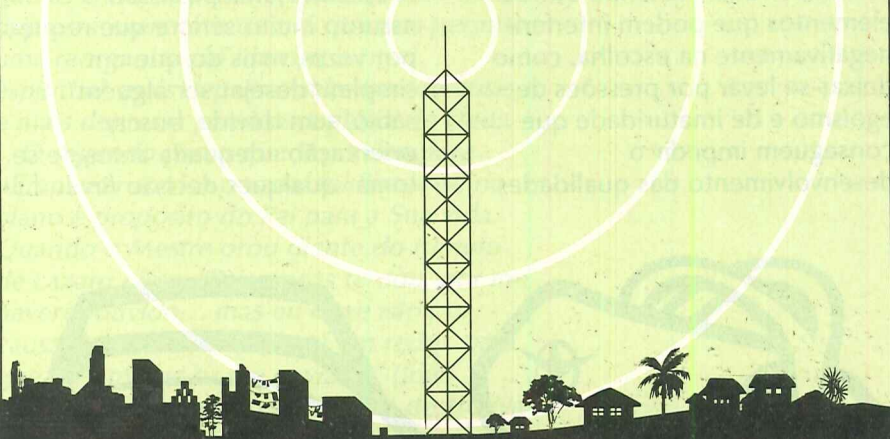
Talvez você também reconheça a necessidade dessa "loucura". O melhor passo a dar é ainda este: Aceite Jesus, deixe-O entrar na sua vida e fazer morada no coração. Não importa que o mundo o chame "louco". Você sentirá muito prazer nisso, porque esta loucura é a que todos devíamos ter. "Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (I Coríntios 1:25). □

—JOSÉ CARLOS VIANA

A • HORA • NAZARENA

RÁDIO

PARA QUE O MUNDO CONHEÇA JESUS



MISSÃO MUNDIAL DA RÁDIO
IGREJA DO NAZARENO

REFORMAI OS VOSSOS CAMINHOS!

Não é em altura de celebrações e êxito que o homem pensa na desgraça. Contudo, é precisamente nesses momentos que ele é mais vulnerável à tentação.

Quando, a 31 de Outubro de 1517, Martinho Lutero pregou as suas teses na porta da igreja do castelo de Witenberg, não estava interessado em formar uma nova denominação. Aquele monge humilde sentiu um peso na consciência ao ver os excessos cometidos na Igreja que ele amava. Era sua intenção original acordar a "Arca de Deus" para que esta reformasse os seus caminhos.

Martinho Lutero foi um instrumento usado por Deus numa das Suas actividades mais frequentes—a reforma do homem. Poucas coisas estão tão claras nas Escrituras como o amor e a paciência de Deus perante a teimosia insensata do homem em prosseguir na vereda que conduz à perdição e à morte. Ele é um Deus "misericordioso e compassivo, tardio em irar-se", clama o profeta Joel (2:13).

Não nos deixemos enganar pelo

conforto espiritual que nos rodeia. Mantenhamo-nos alerta a despeito do progresso concretizado. Foi precisamente numa altura de realização moral e física que o Senhor apareceu a Salomão para o avisar do perigo que espreitava, tanto a ele como ao seu povo.

Se, como infelizmente veio a acontecer, vos contentardes com o que já realizastes, se vos esquecerdes do verdadeiro propósito dos vossos esforços e "servirdes a outros deuses", então... (II Crónicas 7:20).

Mas, entre as palavras de ameaça, ouvimos também palavras de perdão e misericórdia: "Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra" (7:14).

Se, a despeito das grandes realizações no passado, os teus passos se encaminham por caminhos contrários à vontade do Senhor, dá ouvidos ao Seu convite amoroso: "Reforma os teus caminhos!"

LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS

1 Ester 4—7	8 Esdras 5—7	16 Mateus 5—7	
2 Ester 8—10	9 Esdras 8—10	17 Mateus 8—11	24 Marcos 4—6
3 Esdras 1—4	10 Neemias 1—3	18 Mateus 12—15	25 Marcos 7—10
4 Ageu 1—2	11 Neemias 4—6	19 Mateus 16—19	26 Marcos 11—13
Zacarias 1—2	12 Neemias 7—9	20 Mateus 20—22	27 Marcos 14—16
5 Zacarias 3—6	13 Neemias 10—13	21 Mateus 23—25	28 Lucas 1—3
6 Zacarias 7—10	14 Malaquias 1—4	22 Mateus 26—28	29 Lucas 4—6
7 Zacarias 11—14	15 Mateus 1—4	23 Marcos 1—3	30 Lucas 7—9
			31 Lucas 10—13

VERSÍCULO BÍBLICO:

"Rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos, e convertei-vos ao Senhor, vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em beneficência"—Joel 2:13.

ORE POR:

1. Seu Superintendente Distrital e família.
2. Em cada dia deste mês, por um/uma seminarista e, também, por cada jovem da sua congregação que testifica duma chamada para o ministério.
3. Um movimento reformador no espírito e missão da congregação da qual você é membro.
4. Pelô trabalho na Botswana. Que os fiéis sejam firmados na fé e a compartilhem com o seu povo.

O SACERDÓCIO REAL

Dirigindo-se aos cristãos, o apóstolo Pedro disse: "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (I Pedro 2:9).

Quando a vida divina se une à humana estabelece-se uma santa convivência directa com Deus, sem necessidade de intervenção ou mediação de qualquer sacerdote. A comunhão íntima do Senhor é com os que O temem; a eles revelará o Seu pacto.

Todo o crente é um sacerdote com direito a participar no ministério. Numa casa abastada não somente há utensílios de ouro e prata, mas também de madeira e barro; uns utilizam-se em serviços honrosos e outros em usos humildes. Mas todos participam no trabalho. Cristo lavou os pés dos discípulos e preparou-lhes comida várias vezes. O privilégio de servir é para os remidos. "Purificai-vos, os que levais os vasos do Senhor" (Isaías 52:11).

Simão, o mago, ofereceu dinheiro para participar no ministério apostólico. Mas recebeu a resposta: "O teu dinheiro seja contigo para perdição... Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é recto diante de Deus" (Actos 19:21). Noutra passagem da Bíblia está escrito: "Mas ao ímpio, diz Deus: Que tens tu que aceitar os meus estatutos e tomar o meu concerto na tua boca? Pois aborreces a correcção, e lanças as minhas palavras para detrás de ti" (Salmo 50:16-17).

Em 1510, Martinho Lutero foi comissionado pela sua ordem para levar uma mensagem ao Papa. Empreendeu emocionado a viagem de Alemanha até Roma. Quando chegou a uma colina donde avistava a cidade, ajoelhou e exclamou: "Eu te saúdo, ó Roma santa!" Mas não tardou a sentir a mais fria desilusão. Observou com os próprios olhos a corrupção da maior parte dos ministros do Senhor.

Na nova dispensação todo o crente

é um sacerdote e, como tal, pode oferecer sacrifícios. No entanto, não deve chegar a Deus com as mãos vazias. Cristo é a oferta sem defeitos e é em Seu nome que nos aproximamos do Pai.

Também nos devemos oferecer a nós próprios como sacrifício vivo. "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Romanos 12:1).

Não se trata do sacrifício de alguém se encerrar num convento, dilacerar o corpo com açoites e fazer prolongados jejuns. Mas do sacrifício mencionado pela Bíblia—serviço no reino de Deus. Paulo sacrificou-se no serviço de Jesus Cristo: "Trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus" (Gálatas 6:17). E recomendou aos cristãos: "Glorificai, pois, a Deus, no vosso corpo e no vosso espírito" (I Coríntios 6:20).

O templo de Jerusalém estava dividido em três partes: o átrio para o povo; o lugar santo para os sacerdotes; e o santo dos santos (ou lugar santíssimo) destinado ao sumo sacerdote. Quando Cristo morreu na cruz, o véu do templo rasgou-se de alto a baixo e a separação desapareceu. O povo ficou com livre acesso a qualquer desses lugares.

A certa menina que gostava de ir para o púlpito, recomendei: "Não vás, pois qualquer dia Deus pode dizer-te que tires os sapatos porque o lugar é sagrado". No dia seguinte encontrei a menina atrás do púlpito à espera de ouvir a voz de Deus. E como não conseguia, ficou decepcionada. O púlpito não se destina exclusivamente a uma jerarquia especial; todos os membros da igreja com uma mensagem de Deus o podem e devem usar.

"Geração eleita, sacerdócio real, nação santa"—em Cristo todos são bem-vindos. Todos têm a oportunidade de servir de acordo com a sua capacidade. □

—FLÁVIO CAMPOS



VITÓRIA GARANTIDA

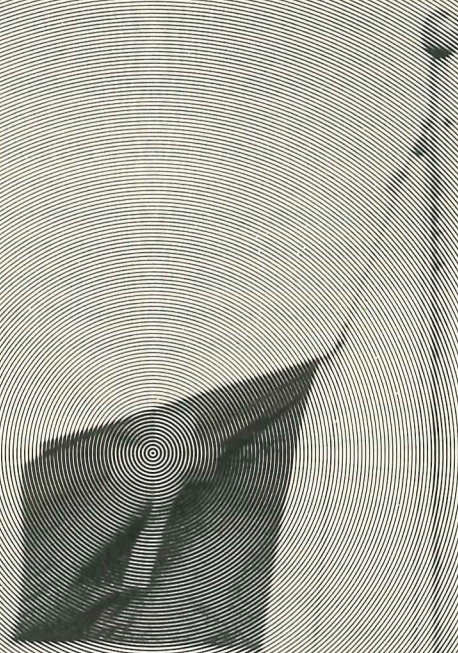
—C. B. JERNIGAN

"Nenhum se sustera diante de ti, todos os dias da tua vida: como fui com Moises, assim serei contigo: não te deixarei nem te desampararei" (Josué 1:5).

"Um só homem de entre vós perseguirá a mil; pois é o mesmo Senhor, vosso Deus, o que peleja por vós, como já vos tenho dito" (Josué 23:10).

Nesta passagem da Bíblia encontram-se duas promessas maravilhosas de Deus a Josue, sucessor de Moisés. Durante 40 anos o povo tinha sido dirigido por Moisés, através do mar e do deserto, seguindo de dia a coluna de nuvem e, de noite, a de fogo. Agora contemplava dum monte o rio Jordão e a terra prometida em herança perpétua.

Josué fora chamado e comissionado—"levanta-te, pois, agora, passa este Jordão" (Josué 1:2) e divide a terra entre as tribos de Israel. Era precisamente aí que deslizava o Jordão ondulando pelos vales. À distância, no sopé das montanhas de Canaã, ficava a cidade de Jericó, com muros impenetráveis e exércitos poderosos. Do outro lado dos montes, ao longe, viviam os filhos de Anaque, gigantes tão



terríveis como Golias—o povo que os dez espiões tinham visto há 40 anos e que os fizera tremer.

Quando Josué viu esses gigantes tão bem fortificados, Deus disse-lhe: "Esforça-te e tem bom ânimo" (Josué 1:6). A terra é vossa. "Todo o lugar que pisar a planta do vosso pé vo-lo tenho dado" (Josué 1:3).

Trata-se realmente duma terra onde corre leite e mel, cresce cevada e trigo, mas os homens são fortes e lutadores; disputarão cada centímetro de terreno; lutarão ferozmente; sairão bem armados de suas fortalezas. Mas a terra é vossa, não importa que pareçam valentes ou que sejam altos. "Nenhum se sustará diante de ti, todos os dias da tua vida".

A situação é crítica; o inimigo é poderoso; as suas fortalezas são inexpugnáveis; os homens, de enorme estatura; o seu olhar é amedrontador. Mas a ordem é: "Levanta-te, passa". Tomai posse da terra, abri caminho por toda a parte e ela será vossa.

Precisamos de alguém que seja corajoso e de obediência absoluta à chamada de Deus. Nenhum homem preguiçoso ou covarde servirá, porque nunca conseguirá vencer qualquer batalha. Jericó deve ser capturada, os gigantes mortos e o país conquistado.

O homem de Deus não pode falhar. O êxito é certo quando obedecemos à chamada divina. Há grandes promessas no Novo Testamento: "Somos mais do que vencedores" (Romanos 8:37); "Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (I João 5:4).

Se você falhar no trabalho para o qual diz ter sido chamado, ou é porque errou o caminho ou traiu o Espírito Santo. "Mas, graças a Deus, que nos dá a vitória" (I Coríntios 15:57).

A Bíblia menciona aclamações vitoriosas de quantos obedecem ao convite divino; mas está repleta de gemidos e tristes lamentações de infiéis e desobedientes, desde o jardim do Éden até ao fim das iminentes tribulações.

A vida de Josué foi uma sucessão de vitórias até à hora da morte, quando convocou os anciãos e todo o Israel para escutarem o seu testamento: "Vós bem sabeis, com todo o vosso coração, e com toda a vossa alma, que nem uma só palavra caiu, de todas as boas palavras que falou de vós o Senhor, vosso Deus; todas vos sobrevieram, nem delas caiu uma só palavra" (Josué 23:14).

Se Deus sempre precisou dum Josué, continua a necessitar de alguém que lute contra a maré do mundanismo e da formalidade que vão penetrando na igreja; e que expulse o espírito de inércia nesta época de prazer e de amor ao dinheiro. Proveremos nós esse homem?

Por vezes vamos aonde não éramos desejados e ficamos até eles pensarem que não podem prescindir de nós. Não perguntemos: "Que tem

você para nos oferecer?", mas: "Onde poderemos pregar?" Naquele tempo era pregar ou apostatar. Mas agora cresce a busca de um lugar rendoso ou, então, o desejo de negociar com bens imóveis e seguros de vida.

Certa vez um pregador escreveu-me para saber se o podia usar no meu distrito e informou-me que queria um bom salário para o apoiar. Trocámos várias cartas e o seu apelo constante era: "Que tem você para oferecer a um homem com as minhas qualificações?" Respondi-lhe finalmente que a Igreja do Nazareno precisava dum homem que enfrentasse dificuldades e tornasse a santidade acessível a toda gente; e, se ele estivesse disposto a vir, eu lhe mostraria aonde recorrer. Decidiu inesperadamente continuar na sua antiga igreja.

A Igreja Cristã precisa de pessoas que consigam fazer coisas que o mundo acha impossíveis. A Igreja Primitiva fazia-o e, se nós guardarmos a *fé que uma vez foi dada aos santos* (Judas 3), também o faremos.

Vivemos nos tempos mais difíceis da igreja e com eles vem uma tremenda responsabilidade. Confirma-o a advertência aos cristãos de Corinto: "Estai firmes na fé; portai-vos varonilmente e fortalecei-vos" (I Coríntios 16:13).

Nós marchamos para a vitória, mas cada passo que damos nos conduz ao caminho da obediência.

Dê uma olhadela aos anos passados e veja a estrutura de homens que principiaram e correram bem durante algum tempo, mas...hesitaram em empreender uma tarefa difícil. Os muros sombrios de Jericó ficavam em frente e os filhos de Anaque jactavam-se nos vales, o povo de Deus tremeu de medo. Então procuraram convidar um homem que matasse Golias e, posteriormente, foram derrotados. Recorreram à adivinha de Endor e morreram na desgraça.

Irmãos! A terra é vossa. Tomai posse dela. Se os inimigos vierem serão amedrontados e fugirão em diferentes direcções; ou se os dias forem muito curtos, o sol poderá parar até findar a batalha. Se o inimigo for muito numeroso, o granizo enviado por Deus desbaratá-lo-á; ou se ele se esconder no mato, as vespas acossá-lo-ão.

Graças a Deus por semelhante vida de vitória. O Senhor oferece-a a cada um dos filhos de Adão. No Antigo Testamento lemos: "O Espírito de Deus veio sobre os mensageiros" (I Samuel 19:20). Também no Novo Testamento: "Todos foram cheios do Espírito Santo" (Actos 4:31); "Maior é o que está em vós do que o que está no mundo" (I João 4:4).

"Desperta, desperta, veste-te da tua fortaleza, ó Sião: veste-te dos teus vestidos formosos, ó Jerusalém, cidade santa; porque nunca mais entrará em ti nem incircunciso nem imundo" (Isaías 52:1). E, na força do Senhor, continuaremos a ser vitoriosos. □

PERGUNTAS

✓ Permitirá a Igreja do Nazareno administrar os elementos da Santa Ceia a crianças com três ou mais anos de idade? Estou certo que uma criança dessa idade, mesmo com seis ou sete anos, não compreende a importância e a santidade desse tempo de recordação do sacrifício do Senhor; no entanto, o nosso pastor acha bem permitir essa prática e começou a fazê-lo por sua própria prerrogativa. Qual a sua opinião e a da igreja? Haverá uma resposta bíblica?

✓ Ensinará a Bíblia ou estará contida nos seus ensinamentos a perfeição impecável na pessoa santificada? Se alguém santificado peca, que se deve concluir? Em que grau somos perfeitos?

✓ Um pregador de rádio disse que as crianças quando morrem não irão para o céu se os pais não forem salvos. Sempre pensei que os bebês eram preciosos aos olhos de Deus e que seriam tomados em Suas mãos se morressem antes de atingir a idade de responsabilidade. Que pensa sobre o assunto?

E RESPOSTAS

Você faz uma pergunta difícil. Aqueles que participam num culto de Santa Ceia deviam ter uma compreensão básica do seu significado.

O ritual da nossa igreja diz com respeito a este sacramento: "Esta festa é para os Seus discípulos. Que todos os que com verdadeiro arrependimento abandonaram os seus pecados e creram em Cristo para a salvação, se aproximem e tomem destes símbolos e, pela fé, participem da vida de Jesus Cristo, para o conforto e alegria da sua alma" (*Manual*, 802).

Desta pergunta nasce outra: Em que idade uma criança se pode arrepender, crer em Jesus Cristo e participar "por fé" na Ceia do Senhor? Não encontrei resposta para esta pergunta. Certamente varia de criança para criança. Apenas posso dizer que aquela que tem consciência da realidade sacramental, pode compreender o simbolismo adequadamente. Desconheço qualquer referência bíblica que designe ou restrinja esta festa a pessoas de determinada idade.

Enfrentando a mesma pergunta, João Wesley respondeu: "Perfeição impecável é uma frase que nunca uso, a não ser que me quisesse contradizer". Eu creio que uma pessoa "cheia do amor de Deus" ainda continua sujeita a "transgressões involuntárias"—provenientes de ignorância ou fraqueza, não de rebelião ponderada. E cada transgressão involuntária "precisa do sangue redentor".

A pureza de coração ensinada nas Sagradas Escrituras preserva a integridade de intenção, mas não garante a qualidade de suas ações. A condição mental e física, bem como espiritual, afecta o nosso procedimento. A perfeição cristã é uma perfeição de amor, não de sabedoria, juízo e competência. O amor pode errar. Citando novamente João Wesley, o amor pode coexistir "com mil e indefinidos defeitos, quer na conversa quer no comportamento".

A perfeição cristã pressupõe a limpeza do coração de todos os pecados, não o enchimento da cabeça com conhecimentos.

Se a pessoa santificada peca, deve imediatamente chegar aos pés do Senhor, confessar seu pecado, pedir a Deus perdão e purificação e crer que tudo sucederá de acordo com as promessas divinas. Sempre que possível, o transgressor deve também fazer restituição aos que prejudicou com o seu pecado.

Primeiro, permita-me compartilhar consigo a declaração que se encontra nos "Artigos de Fé" da nossa igreja. O artigo VI diz: "A expiação é benignantemente eficaz para a salvação dos irresponsáveis e para as crianças na inocência, mas somente é eficaz para a salvação daqueles que chegam à idade da responsabilidade, quando se arrependem e crêem."

Gosto desta declaração, mas também devo admitir que não encontrei nas Sagradas Escrituras um argumento convincente baseado nelas, só conjecturas e conclusões lógicas tiradas de alguns textos bíblicos. □

NOVO E RICO MATERIAL PARA CRIANÇAS!

Livros (para o aluno)

Cada livro tem 55 quadros bíblicos, a cores, de 21X29 centímetros. No verso de cada quadro há uma lição bíblica. As 55 lições, incluindo três para Natal e três para Páscoa, são divididas em sete unidades. Cada unidade tem trabalhos que os meninos podem fazer em casa.

Trabalhos Manuais

Um pacote destinado ao professor, contendo 55 matrizes para duplicação. Cada matriz produz 75-100 cópias por simples pressão manual em qualquer papel; ou faz 200 cópias em máquina duplicadora com líquido. A duplicação das atividades é rápida e fácil. Este pacote complementa cada lição da série.

AVENTURAS BÍBLICAS

para meninos de 4 a 5 anos

128 páginas

1° Ano PLEC-400, US\$2.00 cada

2° Ano PLEC-407, US\$2.00 cada

3° Ano PLEC-410, US\$2.00 cada

DESCOBERTAS BÍBLICAS

para meninos de 6 a 8 anos

128 páginas

1° Ano PLEC-405, US\$2.00 cada

2° Ano PLEC-402, US\$2.00 cada

3° Ano PLEC-415, US\$2.00 cada

MATRIZES PARA

AVENTURAS BÍBLICAS

Com 55 atividades,

1° Ano NLEC-408, US\$10.00

2° Ano NLEC-425, US\$10.00

3° Ano NLEC-436, US\$10.00

MATRIZES PARA

DESCOBERTAS BÍBLICAS

Com 55 atividades,

1° Ano NLEC-422, US\$10.00

2° Ano NLEC-412, US\$10.00

3° Ano NLEC-437, US\$10.00

Acrescente 5% para porte e embalagem.

CASA NAZARENA

DE PUBLICAÇÕES

6401 The Paseo

Kansas City, MO 64131, E.U.A.